

**A quick look over a luda in Rio de Janeiro**, Newsletter Luda No. 04 /  
January/February 2004, Improving the Quality of Life in Large Urban Distressed Areas,  
LUDA is a research project of Key Action 4 "City of Tomorrow & Cultural Heritage"  
of the programme "Energy, Environment and Sustainable Development" within the  
Fifth Framework Programme of the European Commission

Este Verão fui visitar um grupo de moradores da favela da Maré, que estão construindo um Centro de Memória e um Museu dentro da própria favela, e que são projectos incluídos nas actividades do CEASM Centro de Estudos e Acções Solidarias da Maré  
<http://www.ceasm.org.br/>

A Maré é uma favela do Rio de Janeiro atravessada por duas das mais importantes vias da cidade, a Av do Brasil que leva a Santa Cruz e a Linha Vermelha que liga o centro do Rio de Janeiro ao Aeroporto Internacional.

Esta favela é a maior concentração de população de baixa renda do município do Rio de Janeiro e do Brasil, engloba 16 comunidades e totaliza, segundo o Censo Maré – 2000, uma população de 132.176 pessoas, abrigada em 38.273 domicílios., ou seja 2,26 % da população do Município do Rio de Janeiro

População nas Principais Favelas do Município do Rio de

<b>Localidade</b>	<b>1991</b>	<b>1996</b>	<b>2000</b>
<b>Rocinha</b>	42.892	45.585	56.313
<b>Alemão</b>	51.591	54.795	65.637
<b>Jacarezinho</b>	37.393	34.919	36.428
<b>Maré</b>	62.458	68.817	113.817 / 132.176*

Fonte: Censo IBGE – 2000; \*Censo CEASM-2000

Esta verdadeira LUDA começou a tomar forma nas no início dos anos 40, por força da penúria no nordeste brasileiro e da nascente industrialização do Estado do Rio de Janeiro. Como noutras áreas da cidade as ocupações foram localizadas nas áreas de menor valor fundiário em particular nos morros e nas áreas alagadas. Na Maré existem ainda há poucos anos áreas de palafitas.

A Maré está inserida na 30ª Região Administrativa criada em 1988

As actividades do CEASM estão agrupadas em 6 redes: Educação, Cultura, Comunicação, Memória, Observatório e Trabalho & Educação assim subdivididas

#### 1-Rede Educação

Curso Pré-Vestibular Da Maré (Cpv-Maré), Cursos Preparatórios, Núcleo de Línguas da Maré, Programa de Crianças / Petrobras, Biblioteca Popular da Maré

#### 2-Rede **Cultura**

Projeto "Mãe Gentil, Capoeira de Angola, Maculelê

#### 3-Rede **Comunicação**

Jornal O Cidadão, Maré É Notícia

#### **4-Rede Memória**

Centro de Documentação e Referência, História Oral da Maré, Sala de Consulta, Maré da Escola

#### **5-Rede Observatório**

Observatório Social Da Maré, "Censo Maré 2000: Quem Somos Nós?"

#### **6-Rede Trabalho e Educação da Maré**

[Cursos de Informática](#), [Infomaré](#), [Formação de Monitores para Museus](#), [Adolescento](#), [Oficina de Vídeo](#), [Oficina de Fotografia](#), [Oficina de Produção Literária](#), [Oficina de Produção Gráfica](#), [Ral-Maré \(Rede de Atendimento Local da Light\)](#)

Este conjunto de actividades testemunham a elevada capacidade dos moradores para se organizarem, sendo certo que algumas destas iniciativas têm um lugar de destaque como por exemplo a escola orientada para a formação pré- universitária frequentada por cerca de 400 jovens, facto que põe em evidencia a importancia que dão á formação como estratégia de fundo para combater a médio e longo termo o caracter ludanático da favela.

Igualmente a execução do Censo de 2000 permitiu visitar cada uma das casas da favelas e dotar o CEASM de um conhecimento mais profundo dos moradores da Maré.

Tambem o o Centro de Memória e a rede da Cultura está criando um importante acervo fotográfico dedicado à Maré em busca das raízes que todo o ser humano necessita como pão para a boca, para viver ou pelo menos sobreviver nos tempos difíceis (mais para uns do que para outros) que correm valorizando cada um através das inumeras actividades culturais.

Coloca-se no entanto um problema da maior importancia que tem a ver com a imagem que esta e as outras favelas assumiram na sociedade em geral. Imagem essa que na verdade condiciona as relações e a defenição das politicas de intervenção publicas ou não governamentais, brasileiras ou internacionais.

Tal como os proprios moradores constatarem actualmente os habitantes das favelas são vistos de duas formas. A forma copnservadora que vê em cada morador um criminoso e a forma progressista que os identifica ao bom selvagem, simbolos de uma cidade racional e individualista, vitimas passivas de uma estrutura social injusta. Mas em ambos os casos a dinâmica internas e as estratégias visando a mudanças de estado desenvolvidas pelas proprias comunidades nunca são tidas em consideração. (Cf . *A Maré em dados: Censo 2000*, Ceasm, Maré, 2003.)

Ambas atitudes “ ignoram a multiplicidade e diversidade de acções objectivas encaminhadas por diferentes actores dos espaços populares no processo de enfrentamento dos limites sociais e pessoais de suas existências. Os moradores das favelas com efeito não analisam suas vidas apenas a partir das noções de ausência e/ou negação (...) Eles levam em conta também os aspectos afirmativos, integrantes de sua cotidianidade.

Ora como afirma o CEASM é necessário reconhecer e ter em consideração formas de “identificar, classificar e interpretar as spráticas sociais afirmadas nos espaços favelados

como possibilidades de criação de novas sociabilidades urbanas. Elas fornecem, por outro lado, instrumentos para ir além das representações estereotipadas que caracterizam os discursos hegemônicos a respeito dos espaços populares. Seu fundamento é o reconhecimento da heterogeneidade desses territórios, o que gera a construção de identidades territoriais específicas, a capacidade de seus agentes atuarem em seu espaço particular e, por último, mas não menos importante, reconhece que as favelas não cercam a cidade, nem mesmo estão na cidade, mas são sim, elementos instituintes da cidade, que jamais seria o que é sem as favelas” (*A Maré em dados: Censo 2000*, Ceasm, Maré, 2003 p. 29.)

Aqui as coisas complicam-se pois quatro gerações de moradores dão raízes na própria favela, mas a 5ª geração tem as suas raízes no nordeste brasileiro, no cacau, na borracha numa ruralidade de emigrantes europeus de uma Europa igualmente pobre.

Não podemos pois deixar de pensar a importância que terá em qualquer estudo sobre LUDA a grau e o tempo de sedimentação social. O factor tempo condiciona a capacidade de mudança se pensarmos uma LUDA como lugar de vida ou como lugar de passagem.

Também a capacidade local de desencadear processos de mudança deve ser tida em consideração e esses processos não podem ser entendidos como bases para parcerias, mas respeitados na sua autonomia

Um outro aspecto que chamou a nossa atenção revelou-se quando propusemos ir a uma outra área da favela onde há 30 anos viviam ainda colônias de pescadores.

A Maré que vista de longe é um aglomerado compacto de casario esconde uma geografia social dependente de numerosos factores, relativas à origem, à antiguidade, a dependência administrativa e no que impossibilitou a nossa deslocação ao controle dos grupos de traficantes que fornecem a droga à burguesia média e alta da cidade do asfalto, dos bairros bonitos, da Avenida Atlântica do jet set internacional.

Assim por questões de segurança dos próprios traficantes era impossível atravessar a fronteira entre as áreas do Comando Vermelho e do Terceiro Comando, a menos de iniciarmos um processo de negociação com uns e outros, mas cujo resultado era na verdade perfeitamente imprevisível.

Mas esta fronteira social coloca também mais um problema: o entendimento que uma LUDA encerra provavelmente várias regiões reconhecidas como diferenças profundas pelos moradores mas que são invisíveis para os não moradores nos quais se incluem os “investigadores sociais” !...

Entender esta geografia da diferença pode revelar-se como um factor essencial para a compreensão global de uma LUDA.

Tanto quanto os limites exteriores de uma Luda, importa encontrar os indicadores que permitem clarificar as fronteiras interiores. Grupos, gerações, etnias, estratos sociais...

Enfim uma última observação. No centro da Maré é visível um enorme bairro construído por iniciativa pública com alguma milhares de unidades habitacionais. Dispostas em quadricula a Urbanscape não foi objecto de

estudo repetindo até ao horizonte por meio de uma engenharia/habitacional, ruas e mais ruas a perder de vista vocacionadas para uma ausência de qualidade urbanística, à qual se juntarão as degradações crescentes do desemprego, do recuo das conquistas sociais, dos serviços públicos de saúde e de ensino, que o FMI o World Bank e os fundos financeiros internacionais engolem de forma desigual mas com a avidez que a sua sobrevivência obriga.

Trata-se de construir novos Soweto em tempos de novos colonialismo locais e/ou impostos do exterior.

O Brasil tem uma dívida exterior de 285 bilhões de dólares e paga anualmente 50 bilhões de dólares de juros. Os USA têm uma dívida de ( 6,7 trilhões) 6.700 bilhões de dólares e pagam 70 Bilhões de juros. Por cada 100 dólares de dívida o Brasil paga 17,55 us\$ ao passo que os USA pagam 1,05 US\$ !..... (in Veja 13.08.03 nº 1815)

Será que é possível esquecer a natureza global das LUDAS sem relacionar a sua genese e desenvolvimento com a desigualdade crescente entre e dentro de países e mesmo de regiões do planeta.?

Resumindo, se tentar transferir estas reflexões para o nosso projecto, diria que é preciso estar atento ou mais atento às seguintes questões:

A compreensão das fronteiras internas de uma Luda sociais, étnicas, geracionais..., o tempo de sedimentação das LUDAS, gerações ou situações de conjuntura, a capacidade local de enfrentar e entender o seu próprio futuro, a visão de que uma LUDA não é um acidente na urbe mas é parte da própria urbe e finalmente o último ponto sobre o carácter planetário do fenómeno, podem esclarecer aspectos significativos da nossa problemática e ajudar a melhor responder às nossas múltiplas e geralmente desajeitadas interrogações.